

CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

EDUCAÇÃO SOBRE GÊNERO E A REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NA POLÍTICA BRASILEIRA

Kauane Moraes Bernardo¹, Eliane Rose Maio²

RESUMO

Esse trabalho, que se inicia a partir de uma dissertação de mestrado ainda em andamento, investiga a construção social dos gêneros e seus impactos na delimitação de profissões do mercado de trabalho e espaços de poder, tomando como ponto de partida a percepção de que as aspirações profissionais de homens e mulheres são socialmente padronizadas a partir de estereótipos de gênero. O objetivo central foi analisar como as mulheres são (não) vistas em ambientes de poder, utilizando como estudo de caso a representação misógina da ex-presidenta Dilma Rousseff. A metodologia consistiu em uma pesquisa bibliográfica e documental, ancorada nos referenciais teóricos dos Estudos de Gênero e da Cultura Visual, analisando o documentário Democracia em Vertigem (2019) para pensar a temática. Os resultados demonstraram que as críticas direcionadas à presidenta frequentemente se desviavam de seu desempenho político para atacar suas roupas, corpo e feminilidade, exigindo dela afetos desnecessários, vistos em declarações de deputados. Conclui-se que os estereótipos de gênero funcionam como um mecanismo de controle social que restringe o espaço das mulheres, especialmente na política, onde a violência simbólica é utilizada para reforçar hierarquias e desqualificar sua liderança e, por tanto, destacamos a importância da educação sobre a temática para avanços sociais e de representatividade.

Palavras-chave: Cultura Visual, Gênero, Feminismo.

1 INTRODUÇÃO

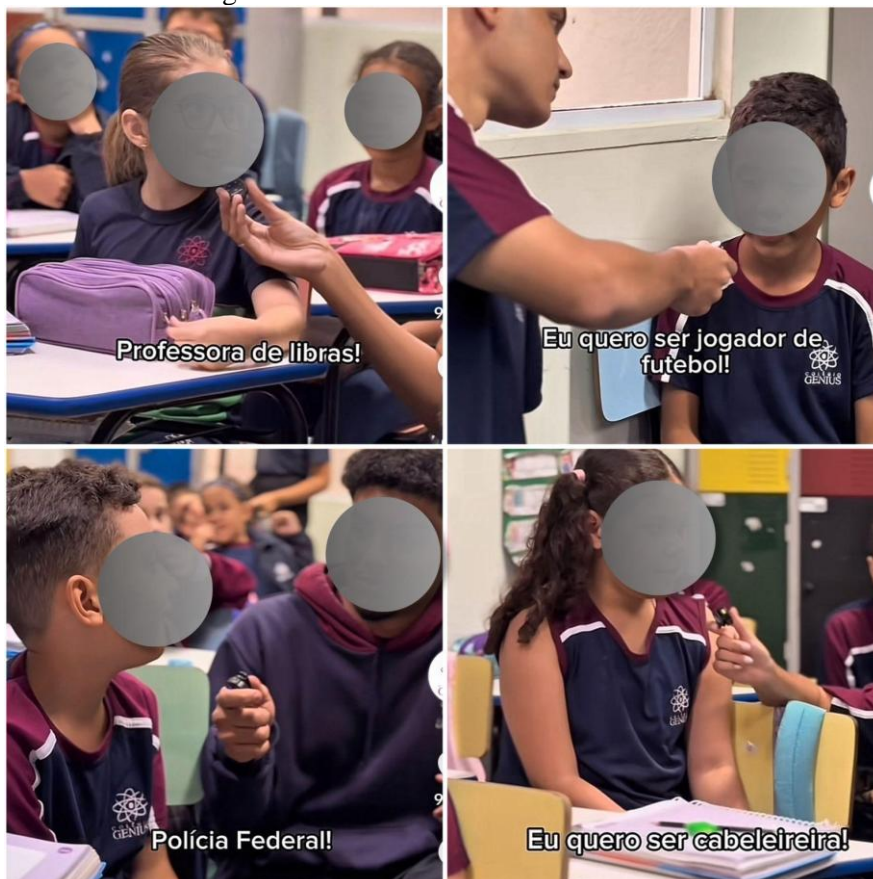
“O que você quer ser quando crescer?” é uma pergunta comum de se ouvir quando criança e de repetimos enquanto adultos. É interessante observar as diversas respostas dadas pelas crianças, que estão em uma fase de livre criatividade, em que todas as profissões, reais ou imaginárias, são possíveis. Todavia, apesar de toda essa liberdade de criação, podemos perceber certas divisões padronizadas nas respostas, ainda mais se pararmos para pensar a partir de uma perspectiva de gênero.

¹ Aluna da Universidade Estadual de Maringá, pg405898@uem.br

² Professora da Universidade Estadual de Maringá, ermaio@uem.br



Figura 1: *Trend* “Terceirão e Terceirinho”



Fonte: Capturas de tela da trend, montagem nossa. Disponível em:
<https://www.tiktok.com/@colegiogenius/video/7493916201475755270?lang=pt-BR&q=O%20Que%20Voc%C3%AA%20Quer%20Ser%20Quando%20Crescer&t=1752782890566>. Acesso em jul. de 2025.

Recentemente uma *trend*³ ficou popular entre os perfis de escolas em aplicativos como o *TikTok*⁴, ela consiste em juntar os terceiros anos do Ensino Fundamental e Médio. Intitulando-se “terceirão e terceirinho”, os/as alunos/as fazem uma entrevista, perguntando uns/umas aos/às outros/as o que querem ser quando crescer. Separados/as entre meninos e meninas, as respostas costumam ser semelhantes. Focando nas crianças de menor idade, as meninas, geralmente incentivadas ao cuidado, ao lar, e a valorização da vaidade, costumam responder que querem ser professoras, bailarinas, cabeleireiras.

³ Uma trend, termo em inglês para tendência, refere-se a um conteúdo ou assunto que se torna popular e se espalha rapidamente nas redes sociais ou na internet, como uma música, dança, desafio ou um tema específico.

⁴ Rede social que se foca na criação e partilha de vídeos curtos.

CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

Enquanto os meninos, geralmente incentivados à exploração do mundo e valorização da masculinidade, costumam responder coisas como: jogador de futebol, policial, bombeiro. Ao observarmos esses vídeos, percebemos que, sempre que uma menina sai dessas áreas e surpreende, falando um trabalho como jogadora de futebol, mecânica e paleontóloga, os comentários costumam ser sobre essa “surpresa”, enquanto os meninos não surpreendem ao falarem sobre as mesmas profissões.

Sobre isso, Chimamanda Ngozi Adichie (2017), em *Para educar crianças feministas*, exemplifica várias situações e falas que demonstram essas tentativas de ensinamentos para a padronização de gêneros já desde a infância. Em um desses casos, ela relata que uma conhecida sua, mãe de um menino, ao levar seu filho a um espaço de recreação infantil, percebeu como os meninos eram menos incentivados a seguir regras e mais incentivados a ocupar os espaços do que as meninas. Elas, inclusive, segundo o relato feito pela autora, eram repreendidas quando faziam isso. A autora também escreve sobre como os estereótipos de gênero são dissimulados no cotidiano, de modo que é comum segui-los, mesmo não os querendo ou os percebendo.

Outra conhecida, uma americana, me contou uma vez que levou o filho de um ano a um espaço de recreação infantil em que várias mães levavam seus bebês, e percebeu que as mães das meninas eram muito controladoras, sempre dizendo “não pegue isso” ou “pare e seja boazinha”, e que os meninos eram incentivados a explorar mais, não eram tão reprimidos e as mães quase nunca diziam “seja bonzinho”. Sua teoria é que pais e mães inconscientemente começam muito cedo a ensinar às meninas como devem ser, que elas têm mais regras e menos espaço, e os meninos têm mais espaço e menos regras (Adichie, 2017, p.27).

Diante desse estudo em que se sinaliza certa permissividade aos meninos no que diz respeito à obediência de regras que, por sua vez, são cobradas com rigor às meninas, podemos nos questionar: existem diferenças na perspectiva de meninos e meninas sobre explorar o mundo e conquistar espaços? Quais são os espaços sociais reservados para as meninas?

Levando essas questões em consideração, começamos a analisar um caminho de profissão específica que nos interessa, a política. Quando tratamos sobre política,



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

podemos perceber que se questionarmos sobre “como é um político?”⁵, é provável que, automaticamente, venha-nos à cabeça uma imagem que tem muita influência do modo como os/as próprios/as candidatos/as se representam. Isso foi muito visto nos discursos recentes, quando candidatos/as destacavam seus atributos e os motivos pelos quais mereciam o voto dos/as eleitores/as, apresentando-se, inclusive em âmbito visual, como “pais de família”, “filhos obedientes” criados a partir de “valores tradicionais”, homens bondosos, estudados e religiosos.

Com exceções, quando o imaginário popular chega a relacionar essa função social às mulheres, é provável que elas sejam vinculadas a representações visuais de “mães amorosas”, “esposas respeitáveis” ou mesmo como “donas de casa”, como ocorreu na campanha eleitoral da ex-candidata à presidência da república e atual ministra do planejamento e orçamento do Brasil, Simone Tebet (1970--)⁶. Essa possibilidade de construir e disseminar estereótipos existe porque, culturalmente, são atribuídos determinados padrões de masculinidades e feminilidades aos corpos, fazendo que algumas ações, brincadeiras, vestimentas, funções da sociedade e trabalhos, sejam relacionados a um gênero específico e não a outro, assim como também acontece entre padrões étnico-raciais, de religiões, corpos e sexualidades diferentes. Como investiga Guacira Lopes Louro (2003), em *Corpos que escapam* são atribuídas marcas aos corpos e tais marcas só são o que são, só significam o que significam, quando os corpos estão inseridos em determinada cultura.

Levando isso em consideração, neste trabalho objetivamos analisar cenas do documentário *Democracia em Vertigem* (2019), de Petra Costa, pensando em como as mulheres são (não) vistas em ambientes de poder, cargos públicos e no mercado de trabalho. Essa ideia se deriva da dissertação de mestrado em construção, a qual ainda está em processo de escrita.

⁵ Aqui, ressaltamos que não flexionamos gênero ao tratar desse imaginário do que é “ser político” propositalmente, já que o próprio imaginário exclui o gênero feminino e se centra na masculinidade.

⁶ Em suas propagandas eleitorais, Tebet costumava destacar seu bordão, afirmando que o país precisava de uma mulher para “arrumar a casa” e, conforme as narrativas criadas por esse artefato da cultura visual, ela, então, classificar-se-ia para essa posição por ser mãe, casada por 26 anos e dona de casa. Fora isso, também se destacava o fato de ela ter trabalhado como professora, advogada e política.



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O que é cultura? De acordo com Raymond Williams (2015), em *Recursos da esperança*, cultura é algo “comum”, “ordinário”. Williams, considerado um "pai fundador" dos Estudos Culturais, foi um intelectual britânico que contribuiu para os estudos do materialismo cultural. Ele estudou a cultura e sua relação com a sociedade, e renovou o pensamento marxista sobre questões culturais.

Em *Recursos da Esperança* (2015), livro póstumo que reúne os principais ensaios de Williams, já no seu primeiro capítulo, intitulado *A cultura é algo comum*, o autor tenta demonstrar essa afirmação (p.5): “Toda sociedade humana tem sua própria forma, seus próprios propósitos, seus próprios significados”. Mas, apesar de toda essa diversidade cultural existente, por vezes os indivíduos ficam tão envoltos em sua própria cultura que ignoram, ou até mesmo, desrespeitam, qualquer outra identidade que extrapole e se diferencie de seu cotidiano cultural.

Por sua vez, os Estudos da Cultura Visual (campo que advém dos Estudos Culturais), conforme destaca Luciana Borre (2010) em *As imagens que invadem a sala de aula*, tem como sua principal discussão as culturas em seus aspectos visuais. Tratando temáticas que circulam sobre racismo, hegemonia cultural, política, gênero, raça, etnia e pós-colonialismo, e esses estudos incluem todas as etnias, classes, gêneros, sexualidades, religiões etc., com um olhar atencioso para todas as culturas, sem hierarquizá-las. A autora explica que existia um “binarismo cultural” que distinguia as culturas e as classificava como alta, baixa erudita ou popular e argumenta que não é algo justo. Segundo ela, essa injustiça se dá porque implica a ideia de que algumas culturas são intrinsecamente superiores a outras, o que perpetua desigualdades e hierarquias sociais. Em vez disso, Borre (2010), se bastando dos Estudos da Cultura Visual, argumenta pela necessidade de estudar todas as culturas de maneira equitativa, sem atribuir-lhes um valor hierárquico.

Isso também se percebe no texto de Williams (2015), quando faz a defesa de que a cultura é algo que não está protegida pelas paredes de um castelo, um museu ou uma universidade, ela está em todos os lugares onde estamos, pois a todo momento produzimos e ressignificamos cultura. E, de acordo com a defesa do autor, a ideia não é



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

tornar essa dita “alta cultura” palatável ao resto da sociedade, o ideal é que toda a população entenda que as formas de preservar valores e culturas em nome de um determinado tradicionalismo/conservadorismo é uma política de dominação exercida pelas classes dominantes da sociedade.

Se a cultura é esse algo comum, que produzimos a todo momento, o essencial se mostra em entender onde está a dita guerra cultural. Quem controla o sentido da cultura determina sobre os valores sociais que nos são impostos, por isso se faz perceber quais valores estão sendo preservados e sobre qual máscara ideológica. É um constante exercício de discernimento ideológico, que, devemos fazer também nas imagens comuns, que estão presentes no nosso dia a dia.

Com as defesas desses/as autores/as entendemos que ao tratar desses temas, os Estudos da Cultura Visual questionam as narrativas dominantes e desafiam as estruturas de poder que sustentam a marginalização de determinadas culturas. Reconhecem que todas as expressões culturais têm valor e devem ser analisadas dentro de seus próprios contextos. Além disso, esses estudos encorajam uma visão crítica sobre como as imagens e representações visuais moldam e refletem nossas percepções de identidade, pertencimento e diferenciação cultural.

Por sua vez, os Estudos de Gênero, como verificamos a partir da pesquisa de Louro (2003), se preocupam com o modo como os gêneros têm sido definidos, distinguidos e tratados dentro de diferentes culturas ao longo dos anos e qual tem sido o peso social que isso implica sobre os corpos que os carregam. A definição do que é "ser homem" ou "ser mulher" não é inata do ser humano e tão pouco tem a ver com nosso sexo biológico, mas essas definições são uma construção histórica e cultural que é carregada de relações de poder. Os Estudos de Gênero, como campo teórico, revelam como essas construções se dão a partir da contaminação de estereótipos construídos socialmente.

Esses estudos argumentam que, por muitos anos, foram propostos padrões acerca da “normalidade” sobre gênero – os estereótipos; e os corpos que se diferenciavam desses padrões sofreram e/ou sofrem preconceitos. Como descreve a autora:

As identidades de gênero não são dadas, mas produzidas no interior de práticas sociais e discursivas que as tornam 'naturais'. [...] A escola, por exemplo, é um espaço onde se aprende a ser menino ou menina, mas



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

também onde essas categorias podem ser desestabilizadas (Louro, 2003, p.40-41).

Outra autora que também trabalha os Estudos de Gênero e converge com as pesquisas de Louro, é Judith Butler (1956—) em *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade* (2003). A autora argumenta que gênero não é um conceito que nasce conosco, mas é o que fazemos socialmente, o que nos é ensinado, delimitando o que podemos ou não ser, usar e fazer, a partir de nosso sexo biológico. Butler (2003, p.181) afirma que "gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituída em um espaço exterior por meio de uma repetição estilizada de atos". A autora nos faz questionar questões acerca dos padrões de “normalidade” estabelecidos socialmente.

Apesar de tudo isso, esses corpos não deixaram e/ou deixam de fazer parte das sociedades em que estão inseridos, então, os Estudos de Gênero mostram e/ou defendem a necessidade de revisão dessas normas e padrões preestabelecidos.

3 METODOLOGIA

Pelo teor desta pesquisa, a identificamos como uma pesquisa bibliográfica e documental. Para realizar as análises das imagens, adotaremos como referencial teórico e metodológico os Estudos da Cultura Visual e os Estudos de Gênero.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As mulheres são constantemente subjugadas no exercício de seus trabalhos, independente de seu cargo e sua posição de poder. Sobre essas questões, acreditamos que o caso de maior destaque no nosso país foi o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff, em 31 de agosto de 2016, após uma campanha de manifestações vexatórias e com vários episódios de misoginia, tivemos o ápice durante a votação para decidir se o processo ia ou não se confirmar em um impeachment.

Petra Costa (1983-), cineasta brasileira, produziu em 2019 um documentário que mais tarde foi indicado ao Oscar, o mesmo foi denominado Democracia em Vertigem. Nele, a cineasta mostra de forma artística, filmagens internas do processo de impeachment, prisão de Lula e, de acordo com a própria, o avanço do autoritarismo no Brasil. Petra faz isso por meio de imagens de arquivo, gravações de eventos políticos e entrevistas com a população, com juristas, analistas e com figuras-chave da política



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

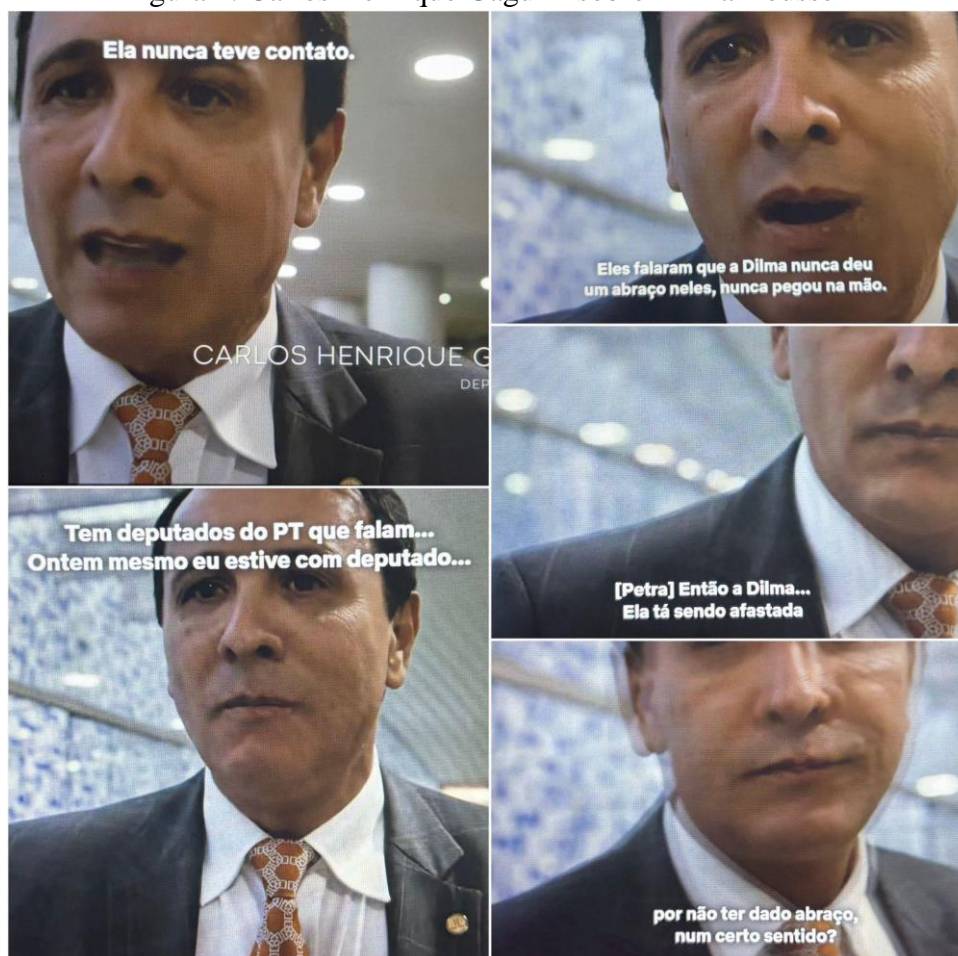
24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

brasileira, como o, até então, ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a, na época, atual presidenta, Dilma Rousseff. A cineasta mostra toda essa junção de imagens, unidas por uma narração de roteiro poético, feita por ela mesma.

Uma cena de destaque do filme, mostra essa relação entre o machismo e as diferentes cobranças que são feitas para as mulheres, ainda mais as com cargos de destaque. Durante a votação do processo de impeachment, Petra pergunta para vários/as votantes sobre as motivações que os/as levaram à escolha e, como o país acabou chegando nesse processo de impeachment, em uma das respostas o deputado Carlos Henrique Gaguim (na época, filiado ao PTN, atualmente ao União), diz que Dilma não abraçava, nem pegava na mão dos/as deputados/as, nem os/as do próprio partido.

Figura 2: Carlos Henrique Gaguim sobre Dilma Rousseff



Fonte: Frames do 52'55'', retirados de Democracia em Vertigem (2019). Disponível em: Netflix. Acesso em agosto de 2025.

CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



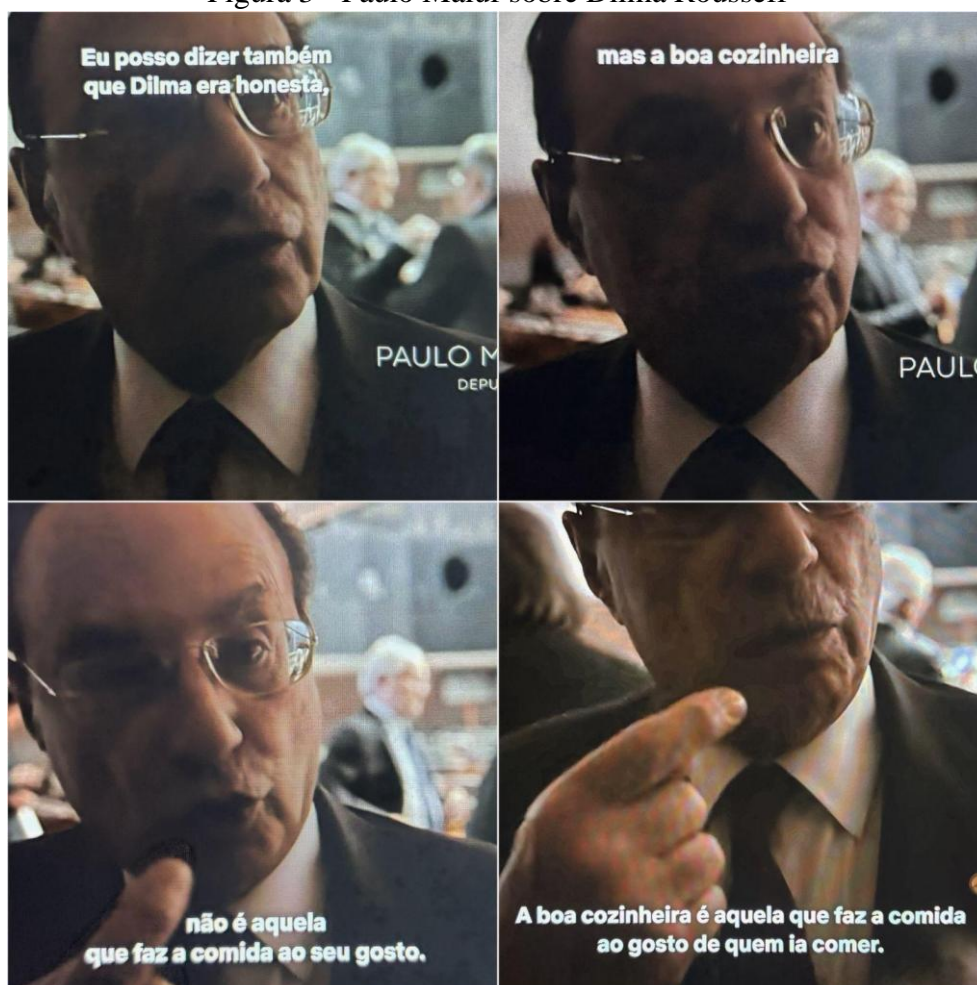
CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

Outro comentário do documentário, que caminha ao lado da perspectiva de Gaguim, é o de Paulo Maluf (filiado ao PP). Ao ser indagado pela mesma questão, Maluf afirma que Dilma é uma política honesta, mas ainda assim, escolhe comparar a presidenta a uma cozinheira, para afirmar que uma “boa cozinheira” cozinha para agradar quem vai comer e não a si própria, sendo assim, nessa analogia Dilma não sabia governar por não agradar aos gostos dos/as companheiros/as, não cozinhar para os/as deputados/as.

Figura 3 - Paulo Maluf sobre Dilma Rousseff



Fonte: Frames do 53'14'', retirados de Democracia em Vertigem (2019). Disponível em: Netflix. Acesso em agosto de 2025.

Em meio de comparação, no início do documentário Petra apresenta o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Mostra suas tentativas de eleição mal sucedidas e a mudança

CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

de discurso que fez com que sua campanha fosse bem sucedida em 2002, levando Lula ao seu primeiro mandato como presidente do Brasil. Ao mostrar sua eleição, a cineasta destaca o populismo do presidente dentre seus/suas companheiros/as do congresso, mostrando como Lula demorava para atravessar o local, já que parava para cumprimentar, beijar, abraçar, apertar mãos e conversar com os/as diversos/as deputados/as.

Figura 4 - Lula e o Populismo



Fonte: Frames do 11'56'', retirados de Democracia em Vertigem (2019). Disponível em: Netflix. Acesso em agosto de 2025.

Esses discursos deixam nítida a forma como o machismo está intrínseco na sociedade, se tornando inclusive, institucional - na época, dos 513 deputados/as federais eleitos/as em 2014, 51 eram mulheres, o que significava um aumento de 13,33% na bancada feminina na Câmara dos Deputados. Mas, antes desse processo chegar na

CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

Câmara, foi necessária muita movimentação social, as manifestações, que se iniciaram em 2013, também foram rodeadas por comentários, imagens, notícias, machistas.

Figura 5: Imagens vexatórias de Dilma Rousseff



Fonte: Imagens retiradas da web. Montagem nossa. Acesso em agosto de 2025.

Foi, principalmente, durante esse processo que o antagonismo direcionado a ela, (popularmente propagado por grupos como o, então recém formado, Movimento Brasil Livre - MBL), não girava efetivamente em torno de seu trabalho, mas sim de sua feminilidade, que diariamente era questionada. Na tese de Perla Haydee da Silva (2019), *De Louca a Incompetente: Construções Discursivas Em Relação à Ex-Presidenta Dilma Rousseff*, nos é apresentada a repercussão midiática dessa misoginia quando a autora decide analisar cerca de 3 mil comentários direcionados à presidenta na página do MBL no Facebook.

CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

A autora defende que, em nossa sociedade, criam-se violências simbólicas que trabalham por meio de estereótipos e é então que o trabalho da mulher na política passa a ser ignorado e seu antagonismo é direcionado apenas para seus corpos, rostos, cabelos, roupas, personalidades, e assim por diante.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falando especificamente sobre questões envoltas a gênero, o Brasil, atualmente, é o país em 5º lugar no ranking mundial de violência contra a mulher e feminicídios e o 1º que mais mata a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais *Queers*, Intersexo e Assexuais (LGBTQTQIA)+, mesmo assim, boa parte da população ainda defende abertamente ex-presidente que deflagra falas machistas, misóginas, xenófobas, homofóbicas e racistas. O Bolsonaro representa muito mais do que o neoliberalismo e a direita assumindo o poder, ele representa a liberdade de expressar seus preconceitos sem lidar com as consequências de seus atos. Podemos perceber isso quando vemos todo o tempo de impunidade que teve, sem perspectiva de prisão, mesmo após todos os crimes cometidos e o fato de carregar consigo a responsabilidade pela morte de milhares de pessoas, e, atualmente, se encontra em prisão domiciliar por ter descumprido uma medida cautelar, o que já consideramos um grande avanço judicial.

Nesse contexto, entendemos que pesquisas que busquem incentivar discussões sobre temáticas acerca de gênero e política são necessárias. Assim, neste trabalho – considerando que vivemos em uma sociedade androcêntrica e patriarcal – buscamos olhar para as campanhas analisadas por um viés feminista. Com o auxílio dos Estudos da Cultura Visual e dos Estudos de Gênero, tivemos a oportunidade de questionar quais estereótipos têm sido recorrentes em campanhas políticas no Brasil e qual é o caminho, dentro da educação, para formarmos cidadãos/ãs politicamente conscientes e hábeis para participarem da política nacional, pensando no aumento da representatividade?

O documentário *Democracia em Vertigem* (2019), de Petra Costa, serve como meio potente para a discussão dessa dinâmica social de representação das mulheres na política. Destacamos no texto, como o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff não foi apenas um processo político, mas também a expressão de uma guerra cultural



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

misógina. As falas dos/as deputados, que criticavam Dilma por não "abraçar" ou "pegar na mão" e a comparavam a uma "cozinheira", afirmando que ela não agradava aos/às seus/as colegas e nem se esforçava para isso, demonstra essa cultura machista que exige ligar todas as mulheres, mesmo em lugares de liderança, a uma feminilidade estereotipada. A cobrança por esses afetos e subserviência das vontades dele, evidencia como a mulher no poder, mesmo sendo uma chefe de Estado, é constantemente medida por uma régua de gênero, e não por sua competência (ou falta de competência) ou trabalho.

A violência simbólica direcionada a Dilma Rousseff, exemplificada por memes e comentários que zoomorfizavam seu corpo, ridicularizavam sua aparência e questionavam sua sanidade mental, confirma a nossa tese de que a resistência à presença feminina em espaços de poder frequentemente se dá através da desqualificação de seu corpo e personalidade, e não de suas ações. Esse repertório de ataques funciona como um mecanismo de controle social, destinado a lembrar às mulheres os limites de seus lugares.

Portanto, podemos chegar à conclusão de que os espaços sociais reservados para as meninas e mulheres, embora contando com avanços significativos por meio de lutas e movimentos sociais, ainda são simbólicos e materialmente delimitados por estereótipos de gênero profundamente enraizados na cultura. A naturalização desses padrões, como alertam Raymond Williams (2015) e os Estudos Culturais, é uma operação política que serve aos interesses de manutenção de hierarquias. Romper com esse ciclo exige um exercício constante de desnaturalização, um olhar crítico sobre as imagens e narrativas do cotidiano, e a valorização equitativa de todas as culturas e expressões identitárias. O caminho para uma democracia verdadeiramente representativa passa, inevitavelmente, pela desconstrução desses arquétipos e pela ampliação dos horizontes do possível para todas as crianças, independentemente de seu gênero e, isso acontece pela educação.

5 REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

BORRE, Luciana. *As imagens que invadem as salas de aula: reflexões sobre cultura visual*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, Petra (dir.). *Democracia em vertigem*. Produção de Joanna Natasegara, Shane Boris e Tiago Pavan. [S. l.]: Busca Vida Filmes, 2019. 1 filme (121 min), son., color. Disponível em: Netflix. Acesso em: ago. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. *Corpos que escapam*. *Revista Estudos Feministas*, Brasília, n. 4, ago./dez. 2003. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem>. Acesso em: fev. 2025.

SILVA, Perla Haydee. *A incompetente: construções discursivas em relação à ex-presidenta Dilma Rousseff*. 2019. 139 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

WILLIAMS, Raymond. *Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo*. Tradução de Nair Fonseca. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

